

Biblos

Enciclopédia
VERBO
das Literaturas
de Língua Portuguesa

VERBO

Biblos

Enciclopédia
VERBO
das Literaturas
de Língua Portuguesa

S. 2. 03:869.0

Biblos

Enciclopédia
VERBO
das Literaturas
de Língua Portuguesa

4



332331 - D

VERBO

NC - x690158468

NB - 562214

*Edição realizada
sob o patrocínio da*

SOCIEDADE CIENTÍFICA
DA UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

Direcção

JOSÉ AUGUSTO CARDOSO BERNARDES
(da Faculdade de Letras — Universidade de Coimbra)

ANÍBAL PINTO DE CASTRO
(da Faculdade de Letras — Universidade de Coimbra)

MARIA DE LOURDES A. FERRAZ
(da Faculdade de Letras — Universidade Clássica de Lisboa)

GLADSTONE CHAVES DE MELO
(da Faculdade de Letras — Universidade Federal do Rio de Janeiro)

MARIA APARECIDA RIBEIRO
(da Faculdade de Letras — Universidade de Coimbra)

Secretaria-Geral

A cargo do
Departamento de Enciclopédias da Editorial Verbo
sob a direcção de João Bigotte Chorão

COLABORADORES DO QUARTO VOLUME

- Dra. Isabel Almeida*
Prof. Doutor Sérgio Rubens B. de Almeida
Dra. Eloísa Alvarez
Dra. Lizir Arcanjo Alves
Prof. Doutor José Edilson de Amorim
Dra. Marta Teixeira Anacleto
Prof. Doutor Carlos Ascenso André
Dra. Sara Manuela R. M. Augusto
Prof. Doutor José Carlos de Azeredo
Prof. Doutor Sânzio de Azevedo
Prof.^a Doutora Maria de Lourdes Dias Leite Barbosa
Prof. Doutor José Augusto Cardoso Bernardes
Prof.^a Doutora Maria Sílvia Betti
Prof.^a Doutora Élvia Bezerra
Prof.^a Doutora Maria Eugénia Boaventura
Dra. Vera Borges
Prof.^a Doutora M.^a Luísa Malato Borralho
Prof.^a Doutora Sónia Brayner
Prof. Doutor João Batista de Brito
Prof.^a Doutora Helena Carvalhão Buescu
Prof. Doutor Edwaldo Cafezeiro
Prof. Doutor J. A. Segurado e Campos
Dr. João Nuno P. Corrêa Cardoso
Prof. Doutor Aníbal Pinto de Castro
Prof.^a Doutora Vânia Pinheiro Chaves
Dr. João Bigotte Chorão
Prof.^a Doutora Andrea Ciacchi
Dr. Jorge Colaço
Prof.^a Doutora Cristina Robalo Cordeiro
Dr. Joaquim Correia
Leonel Cosme
Dr. António Leite da Costa
Dr. Duarte Ivo Cruz
Prof.^a Doutora Neyde Vieira da Cunha
Prof.^a Doutora Maria Manuela Gouveia Delille
- Prof.^a Doutora Ângela Maria Dias*
Prof. Doutor João Roberto Faria
Prof.^a Doutora Sónia L. Ramalho de Farias
Prof. Doutor António M. Feijó
Prof. Doutor Eucanaã Ferraz
Prof.^a Doutora Maria de Lourdes A. Ferraz
Prof. Doutor Pere Ferré
Dr. José Alberto Ferreira
Dra. Maria do Rosário Ferreira Serafim Ferreira
Dr. Manuel Ferro
Dr. Albano Figueiredo
Dr. João Figueiredo
Dra. Ana Margarida Fonseca
Dr. Edson Nery da Fonseca
Dra. Maria do Céu Fraga
Prof. Doutor António Cândido Franco
Prof.^a Doutora Carmem Gadelha
Dr. Mário Garcia
Prof. Doutor Armando Gens
Jesué Pinharanda Gomes
Dr. Paulo Jorge Pedrosa Santos Gomes
Prof.^a Doutora Elsa Gonçalves
Prof.^a Doutora Rosa Maria Goulart
Dr. Fernando Guimarães
Prof. Doutor Manuel Gusmão
Prof.^a Doutora Ana Hatherly
Dr. Mário Hélio
Prof. Doutor Lourival Holanda
Prof.^a Doutora Maria António Hörster
Dr. Eduíno de Jesus
Prof.^a Doutora Maria Saraiva de Jesus
Prof. Doutor Nuno Júdice
Prof. Doutor Martin A. Kayman
Dr. Dieter Kremer
Prof.^a Doutora Cristina Mello Laranjeira
Prof. Doutor José Luís Pires Laranjeira
Prof. Doutor Cláudio Murilo Leal
António Leitão

Prof. Doutor Eugénio Lisboa
Dr. António Apolinário Lourenço
Prof. Doutor Manuel dos Santos
Lourenço
Prof. Doutor Helder Macedo
Dra. Ana Maria Machado
Dr. Ubiratan Machado
Prof.^a Doutora Leticia Malard
Prof.^a Doutora Rita Marnoto
Dr. José Dias Marques
Prof. Doutor João Francisco Marques
Dra. Teresa Martins Marques
Prof. Doutor Fernando J. B. Martinho
Dra. Inocência Mata
Prof.^a Doutora Maria Vitalina Leal de
Matos
Prof. Doutor Walter de Medeiros
Dra. Cléa Mello
Prof. Doutor Gladstone Chaves de Melo
Dr. Pedro Mexia
Prof.^a Doutora Dulce Mindlin
Dr. José Américo Miranda
Dr. Ângelo Monteiro
Prof.^a Doutora Ofélia Paiva Monteiro
Prof.^a Doutora Fátima Freitas Morna
Dra. Isabel Morujão
Prof.^a Doutora M. Terezinha M. do
Nascimento
Dr. Marildo Nercolini
Prof. Doutor Godofredo de Oliveira Neto
Prof.^a Doutora Leonor Curado Neves
Dra. Margarida Braga Neves
Dra. Lucila Nogueira
Dr. Fernando Matos Oliveira
Dr. José Manuel de Oliveira
Prof.^a Doutora Sylvia Paixão
Dra. Rita Patrício
Prof. Doutor José de Almeida Pavão
Prof.^a Doutora Célia Moraes Rego
Pedrosa
Prof.^a Doutora Níobe Abreu Peixoto
Prof. Doutor Silvano Peloso
Prof. Doutor José Carlos Seabra Pereira
Prof.^a Doutora Maria Helena Rocha
Pereira
Dr. Paulo J. Silva Pereira
Prof.^a Doutora Ana Maria Clark Peres
Prof. Doutor António Júlio Costa Pimpão
Prof. Doutor Sebastião Tavares de Pinho
Prof. Doutor António Manuel B.
Machado Pires
Dr. José Alves Pires

Prof.^a Doutora Maria Lucília Gonçalves
Pires
Prof. Doutor António Pedro Pita
Prof. Doutor José Maria da Cruz Pontes
Prof. Doutor Américo Costa Ramalho
Prof. Doutor Adriano de Paula Rabelo
Prof.^a Doutora Maria Irene Ramalho
Prof. Doutor Luís de Sousa Rebelo
Prof. Doutor Carlos Reis
Dr. Henrique Pinto Rema
Prof.^a Doutora Beatriz Resende
Prof.^a Doutora Cristina Almeida Ribeiro
Prof.^a Doutora Maria Aparecida Ribeiro
Prof.^a Doutora Clara Rocha
Prof. Doutor Ernesto Rodrigues
Prof. Doutor Urbano Tavares Rodrigues
Prof. Doutor José Luís Rodríguez
Dr. Henrique Barrilaro Ruas
Prof.^a Doutora Maria das Graças
Moreira de Sá
Dra. Maria de Lurdes Sampaio
Dr. Francisco Santana
Dra. Maria Helena Santana
Prof.^a Doutora Maria Eduarda Borges
dos Santos
Prof. Doutora Maria de Fátima
Marinho Saraiva
Prof. Doutor António Carlos Secchin
Prof.^a Doutora Carmem Lúcia Tindó
Secco
Dra. Celina Silva
Prof.^a Doutora Maria de Fátima Silva
Prof. Doutor Francisco Maciel Silveira
Prof.^a Doutora Angélica Soares
Prof.^a Doutora Valéria Andrade
Souto-Maior
Dr. Hélio Teixeira
Prof. Doutor Ivan Teixeira
Prof. Doutor José Terra
Prof. Doutor Ricardo Thomé
Dra. Helena M. R. A. Costa Toipa
Prof.^a Doutora Marleine Paula
Marcondes e Ferreira de Toledo
Dr. Taborda de Vasconcelos
Prof. Doutor Albino de Bem Veiga
Dra. Evelina Verdelho
Dr. Anco Márcio Tenório Vieira
Prof.^a Doutora Regina Zilberman

357
Froião nos cancioneiros, sugerem que tenha estado em Castela.

As suas cantigas desenvolvem-se num crescendo de *pathos*, desde a primeira composição: a amiga recusa-se a aceitar uma causa voluntária para o atraso do amigo, mas, ao mesmo tempo, antecipa o seu próprio infortúnio através da rejeição sucessiva de objectos de embelezamento que simbolicamente significariam a união com o amigo. Na cantiga de amigo fragmentária, a donzela desabafa com a mãe o receio de uma possível demora (*Meu amigo quando s'ia*, B 919/V 506) e, nas duas últimas, a asserção, em registo simbólico, do fim da relação conjuga-se com a expressão do seu lamento (*O anel do meu amigo*, B 920/V 507), para terminar com uma referência literal à ruptura, onde do inconformismo transita para o desejo de vingança (*Ai meu amigu'e meu senhor*, B 920/V 508). P. G. P. não repete modelos estróficos, sendo de notar uma particular sensibilidade ao refrão.

BIBLIOGRAFIA: António Resende de Oliveira, *Depois do Espectáculo Trovadoresco. A Estrutura dos Cancioneiros Peninsulares e as Recolhas dos Sécs. XIII e XIV*, Coimbra, Faculdade de Letras, 1992.

Ana Maria Machado

PORTUGAL (D. Francisco de)

1.º conde de Vimioso, poeta do *Cancioneiro Geral* (Évora, 1483?-1549). Além dos cargos que desempenhou na Corte nos reinados de D. Manuel e D. João III, das expedições a Marrocos em que participou e das funções diplomáticas, possuía uma sólida cultura humanística e uma agudeza de espírito singular, aspectos que deixou bem patentes na sua obra literária. Era, pois, o resultado de uma simbiose perfeita do cortesão de fins do séc. xv, do homem de Estado, do militar e do homem de letras.

Filho natural de D. Afonso de Portugal, bispo de Évora, e de D. Filipa de Macedo, foi vedor da Fazenda e membro do Conselho de Estado, camareiro-mor dos príncipes D. Manuel e D. João, senhor de Vimioso, de Aguiar da Beira, alcaide-mor de Tomar, comendador de Ar-

raiolos, Tomar e Calvedo, na Ordem de Cristo.

Acompanha D. Manuel na viagem a Castela, quando este monarca foi jurado herdeiro daquele reino. Em 1509, começa a sua empresa africana em Arzila, cidade de que veio a ser fronteiro. Em 1513, volta a Marrocos integrado na expedição de D. Jaime, duque de Bragança, e participa na conquista de Azamor. Pela sua perspicácia, continuará ligado aos assuntos africanos. Em 1546, na qualidade de procurador de D. João III, tratou dos casamentos do príncipe D. João e da princesa D. Maria, com os príncipes espanhóis D. Joana e D. Filipe.

Pelas suas composições incluídas no *Cancioneiro Geral* (c. 40), revela-se um poeta fecundo, sensível, hábil e avisado. Cultiva variados metros e formas poéticas, além de colaborar em textos colectivos (14 na totalidade): em trovas à porfia, uma tenção, ajudas, uma pergunta/resposta e louvores, em que se cruza com Aires Teles, Garcia de Resende, Manuel de Goios, Simão de Sousa e João Roiz de Sá. É a cantiga a forma poética que predomina na sua produção. Recorre sobretudo ao uso da redondilha maior, mas não deixa de utilizar também o verso de arte real e a redondilha menor. Utiliza a copla castelhana, a décima real, coplas manriquianas, entre outras formas estróficas. O tema que confere uma certa unidade a toda a sua produção é o amor, analisado em perspectivas várias, nas suas contradições e paradoxos. Na tenção dirigida a D. Margarida de Sousa, retoma o processo amoroso do «cuidar e suspirar», sobre o bem querer e o desejo, voltando a insistir na contenção do cuidar e na imutabilidade do amor que exclui a tentação. É aí também que claramente se evidencia a adesão do conde de Vimioso aos princípios do amor cortesanesco, do serviço amoroso.

Nessas composições, umas em português, outras (em menor número, 12 na totalidade) que revelam um perfeito domínio do castelhano, traduz o ideal galante da poesia palaciana do seu tempo. De qualquer modo, D. Francisco de Por-

tugal é um perfeito representante de poeta de corte, quer por seguir a convenção literária da época, quer por participar e colaborar em jogos galantes e torneios poéticos, quando a ele se dirigem ou na qualidade de glosador de trovas.

O recorte estóico e senequiano que impregna a globalidade da sua obra, tanto lírica como sentencial, transparece quando descreve certos acontecimentos, reforçando assim a autoridade moral e ética que detinha na sua época.

As *Sentenças* (Lisboa, 1605) foram publicadas somente 56 anos depois da sua morte pelo neto, D. Henrique de Portugal. Dividem-se em duas grandes partes, compreendendo a primeira as 271 sentenças em prosa e a segunda, as sentenças em verso, que contam 242 quadras em rima encadeada ou cruzada, versando temas respeitantes à vida cortesã.

Assim, pelos seus ditos cheios de agudeza, pela sua prudência, autoridade e bom conselho, era conhecido na época como o «Catão português», segundo o testemunho de Damião de Góis (*Crónica do Príncipe D. João*, cap. 17) e de Garcia de Resende (*Crónica de D. João II e Miscelânea*, cap. LVI).

BIBLIOGRAFIA: Garcia de Resende, *Cancioneiro Geral*, Lisboa, 1990-1998; Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *Romances Velhos em Portugal*, Porto, 1980; D. Francisco de Portugal, *Sentenças seguidas das suas poesias publicadas no Cancioneiro de Garcia de Resende*, Coimbra, 1905; D. Francisco de Portugal, *Poesias e Sentenças*, Lisboa, 1999; Diogo Barbosa Machado, *Biblioteca Lusitana*, II, Lisboa, pp. 225-227; J. A. Frazão, «D. Francisco de Portugal, conde de Vimioso», in Giulia Lanciani e Giuseppe Tavani, *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, Lisboa, 1993, pp. 283-284.

Manuel Ferro

PORTUGAL (D. Francisco de)

Poeta português (Lisboa, 1585-1662). Fidalgo da casa dos condes de Vimioso, distinguiu-se na corte de Madrid pela sua cultura, agudeza de espírito e qualidades pessoais. Representava o protótipo do poeta galante e cortesão do seu tempo, modelo que reconstitui na *Arte de Galanteria*. Por três vezes serviu nas armadas do Brasil e da Índia às ordens de D. Afonso de Noronha e de D. António

de Ataíde. Participou na reconquista da Baía, contra os holandeses, em 1624. Foi comendador de Fronteira, na Ordem de Avis. Ingressou na vida monástica e professou no Convento de S. Francisco da Cidade, na Ordem Terceira.

Como era vulgar no seu tempo, escreveu em português e em castelhano. Além da sua obra mais conhecida, a *Arte de Galanteria* (Lisboa, 1670), em castelhano, compôs em língua portuguesa *Divinos e Humanos Versos*, dedicados ao príncipe D. Teodósio, e *Prisões e Solturas de uma Alma*, tratado moral publicado juntamente com a obra anterior, em 1652. Além das obras referidas, escreveu em espanhol *Tempestades y batallas de un cuidado ausente*, de 1683. Refira-se que todas as obras de D. Francisco de Portugal foram publicadas postumamente, por diligência de seu filho D. Lucas de Portugal.

Elogiando-o, no *Hospital das Letras*, D. Francisco Manuel de Melo atribuiu-lhe ainda a autoria de um romance de cavalaria, *D. Belindo*, e Barbosa Machado, na *Biblioteca Lusitana*, considera como seus o *Discurso a Ave chamada solitario*, bem como a *Fabula burlesca de Iphis e Anaxarte*. Além disso, foi epistológrafo de mérito, dele se conhecendo 116 cartas dirigidas a contemporâneos, sobretudo a D. Rodrigo da Cunha, ao tempo bispo do Porto, num estilo incisivo, em que predomina uma prosa rápida, frases curtas, termos pitorescos, a par de ditos espirituosos.

A obra lírica é constituída por sonetos, canções, oitavas, romances, redondilhas, sextinas, tercetos e décimas, em que trata à maneira conceptista a tópica amorosa, que retoma da poesia palaciana. Predominam os romances, talvez por serem um dos géneros mais populares na época e serem cantados acompanhados à viola, ou entoados nos estrados das damas. O amor traduz-se numa metafísica da atracção física, em atitudes de adoração, quase de cariz platónico. Não admira, por isso, que daí passe à composição de poemas de carácter místico.